

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE CEILÂNDIA - FCE

TAYLANNE BENTO OLIVEIRA

**RELAÇÃO ENTRE APEGO, AMAMENTAÇÃO E CULTURA: REVISÃO DE
LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em fonoaudiologia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília.

Aprovado em: 20 de novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente da Banca – Orientador (a): Profa. Dra. Corina Elizabeth Satler

Membro Efetivo: Fga. Andreza Monforte Miranda

CEILÂNDIA – DF

2020

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar a associação entre apego, amamentação e cultura. Foi realizada uma pesquisa nas bases de dados PubMed, Scielo, BIREME, PsyInfo e Web of Science, com as palavras-chaves em português, inglês, e espanhol, publicados entre 2009 a 2019. Foram encontrados 64 estudos e, após os critérios de inclusão e exclusão, 12 estudos foram selecionados. Os dados descritos sugerem uma relação indireta entre esses três fatores. No entanto, são necessários mais estudos sobre a relação entre apego e amamentação e cultura para uma conclusão exata.

Palavras-Chave: Apego; Amamentação; Cultura.

ABSTRACT

The present study has objective investigated the association between attachment, breastfeeding and culture. Was realize research at the databases PubMed, Scielo, BIREME, PsyInfo and Web of Science, with the keywords in portuguese, english, and spanish, published between 2009 and 2019. Were found 64 studies and, after the inclusion criteria and exclusion, 12 studies were selected. The data described suggest an indirect relationship between these three factors. However, further studies are needed on the relationship between attachment and breastfeeding and culture for an accurate conclusion.

Keywords: Attachment; Breastfeeding; Culture.

INTRODUÇÃO

A construção do vínculo afetivo entre mãe e bebê começa ainda na gestação. Salienta-se que durante o período fetal o bebê, em constante desenvolvimento embrionário, apresenta capacidades sensoriais, com isso pode vivenciar experiências intrauterinas e responde a estímulos externos¹. Por outro lado, durante a gestação a mãe enfrenta sentimentos ambíguos que permitem a criação de representações imaginárias e expectativas sobre o bebê em decorrência das sensações experimentadas através da barriga², isso pode representar o prelúdio da relação mãe-bebê que continuará após o nascimento³.

Sabe-se que amamentar é um ato natural complexo, no qual estão envolvidos vários fatores biológicos, emocionais e afetivos. A amamentação fornece benefícios nutricionais e imunológicos ao bebê, sendo preconizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida e com complemento até os dois anos de vida. Além disso, é com o ato de amamentar que vão surgindo os primeiros contatos entre o bebê e o seu cuidador, por meio do toque, do cheiro, do calor corporal e do contato visual. A essência desse contato íntimo é que vai fortalecer o vínculo iniciado durante a gestação e atuar na promoção do apego^{4,2}.

Nessa perspectiva encontra-se o apego, ou como denominou Bowlby, teoria do apego cuja definição é a capacidade inata dos seres humanos de formar laços afetivos com pessoas significativas^{1,5}. Essa capacidade inata já estaria presente no embrião e persiste após o nascimento e continuaria na vida adulta¹. Por outro lado, a criança vai estruturar o apego com base em suas interações com os pais, e na forma como eles respondem às necessidades da criança¹.

Entretanto toda criação, formação e promoção de laços afetivos se enquadra dentro das especificidades de cada cultura. A definição de cultura em si, assume múltiplas acepções que vão desde as manifestações artísticas até os costumes e hábitos de um povo. Mais, segundo a Antropologia Simbólica a cultura é um sistema entrelaçado de símbolos que podem ser modificados e expressos na

interação social⁶. Do mesmo modo, os atores envolvidos na interação social se comunicam e compartilham experiências entre si e com o ambiente modificando, assim, os significados atribuídos a determinados símbolos⁶. Assim, ao longo da vida cada sujeito passa por um processo de aprendizagem e interiorização de valores e crenças culturalmente vigentes em sua sociedade, transmitidos pelas interações sociais e práticas institucionais⁷.

Portanto, o presente estudo tem por objetivo explorar as correspondências entre o apego e a amamentação, fomentadas dentro de uma cultura a partir de dados da literatura.

METODOLOGIA

Este estudo foi elaborado por uma revisão de literatura eletrônica a partir das bases de dados National Library of Medicine (PubMed), Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME), Scientific Electronic Library Online (SciELO), American Psychological Association (PsycINFO) e Web of science. Foram utilizadas as palavras-chaves “apego and amamentação and cultura” e suas correspondências em inglês (attachment, breastfeeding, culture), e espanhol (apego, lactância, cultura). A pesquisa teve como pergunta norteadora: “Qual a relação existente entre o apego e a amamentação e o contexto da cultura?”

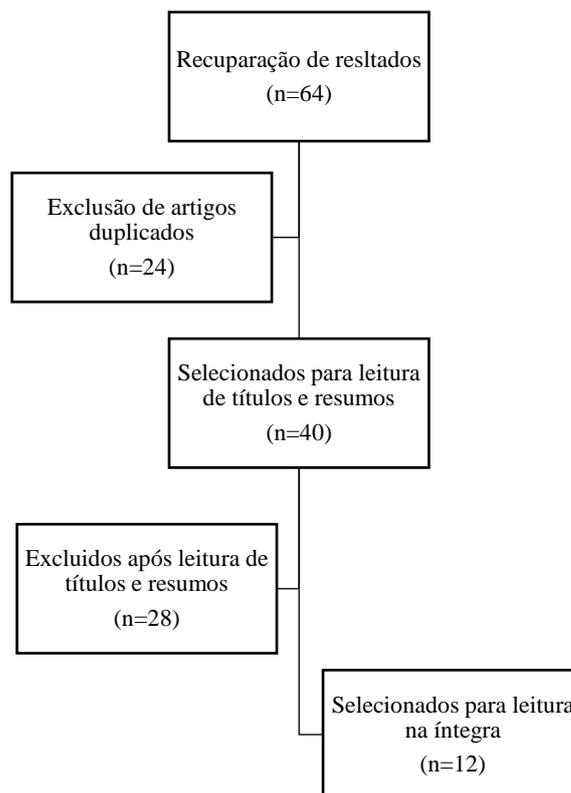
A seleção dos artigos a serem revisados neste trabalho foi feita levando em consideração os seguintes critérios de inclusão: (1) artigos empíricos publicados entre 2009 até 2019, nos idiomas inglês, português ou espanhol; (2) estudos que privilegiaram aspectos relacionados ao tema da pesquisa. Foram excluídos estudos que não apresentassem como tema de investigação ligação com o objetivo deste estudo, revisões de literatura, capítulos de livros e anais de eventos científicos.

A estratégia de pesquisa para a seleção de artigos incluídos na revisão contemplou duas etapas. Sendo que, após a finalização das pesquisas em cada base de dados, as referências duplicadas foram excluídas. Inicialmente a seleção dos artigos ocorreu mediante a leitura dos títulos e resumos. E, na etapa seguinte, os artigos foram lidos na íntegra.

RESULTADOS

Foram encontrados 64 artigos (31 no PubMed, 20 no BIREME, 06 no PsycINFO, 07 no Web of science). Não foram encontradas pesquisas na base SciELO. Dos 64 artigos, 24 foram excluídos por se apresentarem duplicados. Após a leitura do título e resumo, foram excluídos 28 artigos pois não atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. As etapas de seleção e o número de artigos selecionados em cada etapa são apresentados na Figura 01.

Figura 01 - Etapas de seleção dos artigos e quantidade de artigos selecionados.



Fonte: Autora.

No total foram selecionados 12 artigos, a caracterização e componentes de cada artigo serão apresentados na Tabela 1.

Com relação ao ano de publicação dos artigos, verifica-se maior número de publicações no ano de 2018 (33,33%), seguido por 2017 (16,66%). Os anos 2009, 2012, 2013, 2014, 2016 e 2019, apresentam a soma total de 50% (8,33% cada). Sobre o país de publicação, houve prevalência de publicações dos Estados Unidos com um total de quatro artigos, seguido por duas publicações Australianas. Os países considerados orientais (Índia, Dinamarca, Quênia, África do Sul, Escócia e Etiópia) corresponderam a 50% (6 estudos) e os países ocidentais (Estados Unidos e Austrália) corresponderam a 50% (6 estudos).

Observa-se que os tipos de pesquisas adotados são de predominância qualitativa (41,66%), seguido por estudos mistos (33,33%). Outros tipos de estudos (comparativo, quantitativo e transversal) corresponderam a 25% do total.

No que se refere a população pesquisada, verifica-se que a investigação contemplava um público abrangente, envolvendo em sua maioria mães que estavam amamentando ou planejavam amamentar (66,66%). Os profissionais de saúde foram citados em um estudo e em conjunto com avós em outro estudo (16,66%). Um estudo teve como investigação as parceiras associadas a gestantes e seus parceiros.

Ao se analisar os objetivos dos estudos selecionados, nota-se a busca por compreender, em sua maioria, as nuances da amamentação, isto é, relacionadas aos conhecimentos, práticas, técnicas, crenças, experiências, expectativas, discursos, facilitadores e barreiras. Não apenas de mulheres que estavam amamentando, mas também de gestantes, avós e profissionais de saúde. Cabe ressaltar que um artigo de Rossen et al. (2017), teve como investigação o vínculo materno durante e após a gravidez e um artigo de Hunter (2019), investigou a vivência o alojamento conjunto.

Sobre os instrumentos, observou-se uma predileção por entrevistas e questionários, em um total de seis artigos (Kishore et al., 2009; Huang et al., 2012; Nyawade et al., 2016; Jama et al., 2017; Houghtalin et al., 2018; e, Hunter, 2019), e, em quatro estudos (Rossen, et al., 2017; Edwards et al., 2018; Little et al., 2018; e, Tiruye et al., 2018) foram utilizados em conjunto com outros instrumentos

de coleta. Um artigo (Jennifer et al., 2013) optou pela análise de discurso e um artigo (Busck-Rasmussen et al., 2014) optou por consulta em banco de dados.

Em relação aos resultados dos artigos selecionados, percebe-se a gama de elementos envolvidos na amamentação. Dentre esses elementos encontra-se: (a) a técnica de amamentação, ou seja, se o ato de amamentar era eficaz, foi identificada como baixa em um estudo, e em outro estudo, foi associado a sentimento de frustração quando a mão não conseguia amamentar; (b) as expectativas em relação a amamentação em geral eram positivas; (c) as taxas de amamentação, foram identificadas como baixas, apesar de grande parte das mães praticarem a amamentação; (d) promoção da amamentação, pode ser associado principalmente aos profissionais de saúde, as parteiras, as avós e aos companheiros; (e) as principais barreiras, foram: as crenças no uso de fórmula para alimentar o bebê, perda de suporte social e cultural, significado cultural negativo a amamentação, pouco conhecimento sobre amamentação e falta de recursos do sistema de saúde. Além disso, quando relacionado ao vínculo, um artigo afirmou ser promotor do vínculo mãe-bebê.

Dos artigos selecionados, apenas um estudo (Rossen et al., 2017) teve como foco o vínculo mãe-bebê, demonstrando que a qualidade e intensidade do vínculo no pré-natal continuaria no vínculo pós-natal, podendo ser influenciado pela idade materna, tempo de trabalho, presença de outras crianças, problemas na amamentação e choro do bebê. Os principais resultados foram descritos na Tabela 2 e a especificidade sociodemográfica e cultural na Tabela 3.

Tabela 1 – Caracterização dos artigos selecionados.

Autor (es)/Ano	País	Título	Objetivos	Tipo de estudo	Instrumentos	População/ Amostra	Conclusão
Kishore, M. S. <i>et al.</i> (2009)	India	Breastfeeding knowledge and practices amongst mothers in a rural population of North India: a community-based study	Identificar os conhecimentos e as práticas de aleitamento materno em uma comunidade rural de Haryana.	Estudo qualitativo.	Entrevista com utilização de questionário semiestruturado.	77 mães de bebês entre 0 a 6 meses de vida, residentes de seis aldeias do distrito de Panchkula de Haryana.	As práticas e os conhecimentos sobre amamentação apresentam resultados abaixo do esperado, ou seja, orientações sobre a amamentação e técnicas corretas podem melhorar as taxas de amamentação.
Huang, K. <i>et al.</i> (2012)	USA	The significance of breastfeeding to incarcerated pregnant women: an exploratory study	Investigar os conhecimentos, crenças e experiências de mulheres grávidas encarceradas em Nova York, com relação a amamentação.	Estudo exploratório e qualitativo.	Entrevistas semiestruturada e Questionário.	20 mulheres grávidas com idade acima de 18 anos.	Para este grupo a amamentação é importante e contribui para o vínculo com o filho.
Jennifer, F. <i>et al.</i> (2013)	Australia	We only talk about breast feeding: a discourse analysis of infant feeding messages in antenatal group-based education	Investigar os discursos sobre amamentação que as parteiras utilizam em sessões de educação pré-natal.	Estudo qualitativo.	Análise de discurso.	9 parteiras sênior e 174 gestantes e companheiro.	Os discursos, apesar de entusiásticos, eram muitas vezes limitados ao convencimento das mulheres para amamentar.
Busck-Rasmussen M. <i>et al.</i> (2014)	Denmark	Breastfeeding practices in relation to country of origin among women living in Denmark: a population-based study	Descrever as práticas de amamentação de mulheres migrantes em comparação com mulheres Dinamarquesas.	Estudo comparativo.	Consulta em banco de dados.	42,420 bebês do Banco de Dados de Saúde Infantil Danish Health Visitor's.	Os dados indicam que o processo de aculturação não favoreceu a amamentação.
Nyawade, S. A. <i>et al.</i> (2016)	Kenya	Beliefs about Supporting Mothers to Exclusively Breastfeed for 6 Months: An Elicitation Study of Health Professionals Working in Maternal-Child Health Clinics in Nairobi, Kenya	Explorar as crenças dos profissionais de saúde sobre o apoio a amamentação continuada por 6 meses.	Estudo qualitativo.	Entrevista e questionário semiestruturado.	15 profissionais de saúde.	No geral os profissionais relataram aspectos positivos no apoio a amamentação exclusiva e apontaram desafios enfrentados no âmbito de trabalho.
Jama, N. A. <i>et al.</i> (2017)	South Africa	Enablers and barriers to success among mothers planning to exclusively breastfeed for six months: a qualitative prospective cohort study in KwaZulu-Natal, South Africa	Explorar os facilitadores e barreiras que podem influenciar a amamentação exclusiva nos seis primeiros meses em KwaZulu-Natal.	Estudo de coorte longitudinal e qualitativo.	Entrevistas e Questionário.	22 mães (12 rurais e 9 urbanas). A amostra foi composta por mulheres trabalhadoras, adolescentes e grávidas HIV positivas.	Observaram que as participantes apresentam muitas barreiras com relação a amamentação exclusiva. As pressões sociais e verbais têm grande influência na amamentação. Além disso, ressaltam a importância do treinamento dos profissionais para apoio da amamentação.

Rossen, L. <i>et al.</i> (2017)	Australian	Maternal Bonding through Pregnancy and Postnatal: Findings from an Australian Longitudinal Study	Descrever o vínculo materno durante a gravidez e no pós-parto e examinar a qualidade do vínculo com base nos fatores sociodemográficos e psicossociais.	Estudo longitudinal e Qualitativo.	Entrevista, Questionário, Maternal Antenatal Attachment Scale (MAAS) e Maternal Postnatal Attachment Scale (MPAS).	372 mulheres grávidas.	Concluiu que uma ligação forte no pré-natal está direcionada a uma ligação mais forte no pós-natal e que alguns fatores sociodemográficos e psicossociais estão relacionados a um vínculo mais fraco no pós-natal.
Edwards, M. E. <i>et al.</i> (2018)	Scotland	Breastfeeding initiation: An in-depth qualitative analysis of the perspectives of women and midwives using Social Cognitive Theory	Explorar os conhecimentos, expectativas e experiências de mulheres e parteiras sobre o início da amamentação.	Estudo qualitativo.	Discussões em grupo e entrevistas.	18 mulheres (10 no pré-natal e 8 no pós-natal) e 18 parteiras.	O grupo do estudo apresentou diferença em relação a experiências e conhecimento. As práticas adotadas não favorecem o apego instintivo.
Houghtaling, B. <i>et al.</i> (2018)	USA	Grandmother and health care professional breastfeeding perspectives provide opportunities for health promotion in an American Indian community.	Explorar as práticas de amamentação sobre a perspectiva das avós e de profissionais de saúde em uma comunidade Índio americano.	Estudo qualitativo.	Entrevistas.	27 avós e 7 profissionais de saúde residentes na reserva de Fort Peck, zona rural de Montana.	As intervenções para aumentar as taxas de amamentação nesta população, devem focar na redução dos estressores com colaboração das avós e profissionais de saúde.
Little, E. E. <i>et al.</i> (2018)	USA	Mother-Infant Physical Contact Predicts Responsive Feeding among US Breastfeeding Mothers	Investigar se o contato físico mães-bebê estaria envolvido na previsão da alimentação responsiva.	Estudo quantitativo.	Questionário online, <i>Parental Ethnotheory Questionnaire</i> de Keller e Diário de alimentação.	Estudo 1. 626 mães de recém-nascido com 24 meses de idade. Estudo 2. 99 mães que estavam amamentando.	Os dados sugerem uma relação positiva entre o contato físico mãe-bebê e o comportamento em responder aos sinais precoces de fome do bebê.
Tiruye, G. <i>et al.</i> (2018)	Ethiopia	Breastfeeding technique and associated factors among breastfeeding mothers in Harar city, Eastern Ethiopia	Investigar a técnica e os fatores relacionados a amamentação no Leste da Etiópia.	Estudo transversal.	Checklist de observação e Questionário.	412 mães que estavam amamentando.	A eficiência da técnica de amamentação foi baixa no grupo pesquisado.
Hunter, M. C. (2019)	USA	Postpartum rooming-in: A phenomenological exploration of mothers' lived experiences.	Explorar as vivências maternas durante estada no alojamento conjunto.	Estudo descritivo, fenomenológico e exploratório (Dissertação).	Entrevista semiestruturada.	18 mães.	Em geral foram relatados aspectos positivos em relação ao alojamento conjunto.

Fonte: Autora.

Tabela 2 – Apresentação e comparação dos principais resultados dos artigos selecionados.

Autor (es)/Ano	Principais resultados		
	Amamentação	Apego	Características da População
Kishore, M. S. <i>et al.</i> (2009)	Todas as mães amamentavam. Mas, as taxas da amamentação exclusiva foram baixas, principalmente na falta de aconselhamento sobre amamentação.	Não foi investigado.	Não foi investigado.
Huang, K. <i>et al.</i> (2012)	O planejamento em amamentar está relacionado a melhores práticas maternas: prover, proteger e vínculo.	Não foi investigado.	80% se declararam como negros ou hispânicos. As mulheres são removidas do seu contexto social e cultural, e conseqüentemente do seu suporte social.
Jennifer, F. <i>et al.</i> (2013)	A parteiras favorecem a amamentação natural em seus discursos, ressaltando os seus benefícios, posicionamento e fixação, e aumentando o conhecimento da mãe/companheiro. Além disso, os parceiros foram vistos como protetores da amamentação, sendo incentivados a fazerem parte desse processo. Também foi ressaltado a capacidade reflexa do bebê em se alimentar.	Não foi investigado.	Não foi investigado.
Busck-Rasmussen M. <i>et al.</i> (2014)	Mães nórdicas praticaram amamentação exclusiva por pelo menos 4 meses. Enquanto mães turcas e paquistanesas tinham prevalência mais baixa. Quanto maior e vivência dos migrantes na Dinamarca, menor a chances de amamentar. E os descendentes de migrantes apresentavam menor a chances de amamentar com relação aos migrantes. As minorias não-nórdicas apresentaram riscos maiores de amamentação abaixo do ideal com exceção da minoria afegã, em comparação com dinamarqueses.	Não foi investigado.	As mães tinham origem diversas sendo os principais Dinamarquês, turco e Paquistanês. Outras origens foram Ex-lugoslávia, Iraque, Marrocos, Líbano e Afeganistão.
Nyawade, S. A. <i>et al.</i> (2016)	A maior vantagem na amamentação exclusiva foi a saúde do bebê. Cinco profissionais ressaltaram a economia para as mães. Oferecer informações foram o apoio mais oferecido, seguido por ouvir, orientar e encorajar.	Não foi investigado.	Treinamento, mais tempo e carga de trabalho mais leve são facilitadores para apoiar as mães.
Jama, N. A. <i>et al.</i> (2017)	17 mães deram alimentos e/ou sólidos antes dos seis meses e 5 mães praticavam a amamentação exclusiva. As barreiras identificadas foram: (1) sistema de saúde: prática de utilizar alimentos pré-lácteo na ausência/impossibilidade da amamentação e orientações inadequadas para o apoio a amamentação; (2) fatores maternos-infantis: amamentação como cansativa, percepção de que amamentação era insuficiente para alimentar o bebê e constrangimento em amamentar em público; (3) fatores sociais: as mães eram pressionadas pela família a introduzir outros alimentos; e (4) o retorna a escola ou trabalho. O sucesso na amamentação exclusiva foi relacionado a autoeficácia, compromisso e a determinação em amamentar. O status de HIV positiva e o significado cultural positivo a amamentação, são alguns fatores facilitadores.	Não foi investigado.	Não foi investigado.

Rossen, L. <i>et al.</i> (2017)	42% relataram problemas para amamentar.	<p>Demonstraram, com base no escore da escala MAAS, aumento no vínculo mãe-feto e na qualidade e intensidade dessa ligação durante o período gestacional.</p> <p>O vínculo pré-natal serve de prelúdio para o vínculo pós-natal.</p> <p>Os fatores demográficos e pós-natais que predizem o vínculo pós-natal mais fraco foram a idade materna, tempo de trabalho, outras crianças, problemas na amamentação e choro do bebê.</p>	59% eram australianas, 49% trabalhavam em tempo integral.
Edwards, M. E. <i>et al.</i> (2018)	<p>Com relação às expectativas, ambos os grupos esperavam que a amamentação fosse bem sucedida. As parteiras esperavam que a pega do bebê ao seio ocorresse em tempo limitado.</p> <p>A pega instintiva era raramente estimulado.</p> <p>Com relação ao conhecimento, as mães apresentaram incertezas e falta de consciência com relação a amamentação. Enquanto, as parteiras tinham pouco conhecimento da importância do contato pele-a-pele para o apego instintivo e início da amamentação.</p> <p>Sobre as experiências, as mães relataram satisfação com a iniciativa do bebê em começar a mamar e sentimentos de frustração quando não conseguiam realizar a pega ao seio e a amamentação.</p>	<p>Havia boas expectativas com relação ao contato pele-a-pele, mas expectativas baixas com relação ao contato contínuo.</p>	As parteiras relataram grande nível de estresse e diminuição da autoeficácia ao lidarem com números grandes de mães.
Houghtaling, B. <i>et al.</i> (2018)	<p>A amamentação é altamente valorizada e promovida.</p> <p>O apoio da família influenciou o desejo de amamentar das mães e consequentemente no apego.</p> <p>A falta de recursos do sistema de saúde foi descrita como barreira para a promoção da amamentação.</p> <p>Papel predominantemente feminino no discurso e ensinamento da amamentação.</p>	<p>O apego e o vínculo mãe-bebê foram descritos como sendo um resultado benéfico do início e duração da amamentação.</p>	<p>Apresentam crença no uso de fórmula para alimentação infantil.</p> <p>Os estressores como trauma histórico, abuso de substâncias, normas sociais e desconfiança, são fatores que afetaram o apego e a transmissão de conhecimento sobre amamentação.</p>
Little, E. <i>et al.</i> (2018)	<p>Estudo 1. O contato físico com o bebê favoreceu a alimentação responsiva autorreferida. Além disso, a alimentação responsiva foi associada a melhores taxas de amamentação.</p> <p>Estudo 2. O contato físico entre mãe-bebê foi associado a alimentação aos sinais precoces de fome, guiados por motivo materno e infantil.</p>	Não foi investigado.	Não foi investigado.
Tiruye, G. <i>et al.</i> (2018)	<p>43,4% das mães apresentaram técnica eficaz de amamentação. 52,9% receberam informações sobre amamentação. 8,5% tinham problemas mamários. 60% tinham experiência anterior em amamentar.</p> <p>A amamentação eficaz foi associada a mães que tiveram escolaridade maior, aconselhamento, visita de acompanhamento no pós-parto, ausência de problemas mamários e experiência anterior.</p>	Não foi investigado.	Não foi investigado.
Hunter, M. C. (2019)	<p>O alojamento conjunto proporciona um local de aprendizagem para os cuidados parentais e infantis. Trazendo benefícios em estar com o bebê. As mães concordaram que o pós-parto apresenta desafios físico e psicológicos. E, a necessidade de zelar pelo bebê.</p> <p>As rotinas hospitalares foram descritas como fatores impeditivos para o descanso materno. Além disso, relataram grande privação do sono e cansaço.</p>		Não foi investigado.

Fonte: Autora.

Tabela 3 – Especificidade da abordagem sociodemográfica e da cultura.

Autor (es)/Ano	Caracterização sociodemográfica	Cultura
Kishore, M. S. <i>et al.</i> (2009)	71% estudaram além do primário; 27% moram em <i>Katcha</i> e 73% em <i>Pakka</i> ; 26% tem renda mais baixa; 52% dos maridos tinham trabalhos não qualificados.	Não é definida. Associada a região do estudo. Para os indianos amamentar é tradicional, sendo natural para as mães.
Huang, K. <i>et al.</i> (2012)	45% negros, 35% hispânicos e 20% outros; 60% tinham idade entre 20-34; 32% tinham até a escola secundária; 35% tinham um companheiro e 30% casadas; 53% não tiveram cuidado pré-natal anterior; 75% tinham outros filhos.	Não é definida. Associada a local do estudo, uma vez que as mulheres foram removidas do convívio social. Todas afirmaram receber educação e suporte da comunidade, anterior, com relação a amamentação.
Jennifer, F. <i>et al.</i> (2013)	Não foi investigada.	Não é definida. Elucida a importância da educação pré-natal para o suporte da amamentação na Austrália. Mas, nos discursos de promoção a amamentação as - características sociais e culturais, acabam não sendo levadas em consideração.
Busck-Rasmussen M. <i>et al.</i> (2014)	Países de origem: Dinamarca, Peru, Antiga Iugoslávia, Iraque, Marrocos, Líbano e Afeganistão. As idades maternas foram entre 25 a 35 anos ou mais; Todas as mulheres tinham entre um ou três filhos; A maioria apresentava até 12 anos de estudo; Mães e/ou pais estavam no mercado de trabalho.	Na Dinamarca as mães recebem apoio a amamentação em visitas domiciliares realizadas por enfermeiras. Apresentam relação entre as características sociodemográficas com a amamentação. Não investiga os hábitos e costumes de cada imigrante
Nyawade, S. A. <i>et al.</i> (2016)	Não foi investigado.	Não apresentam uma definição. No Quênia a amamentação é amplamente praticada, mas algumas crenças sobre o aleitamento materno prejudicam a amamentação exclusiva. Buscar compreender as crenças dos profissionais de saúde sobre a amamentação.
Jama, N. A. <i>et al.</i> (2017)	40,9% apresentavam idade acima de 27 anos e 31,8% entre 15-19 anos; 63% estudaram até o ensino médio; 13,6% têm trabalho remunerado; 72,7% realizaram 4-8 visitas pré-natais;	O desmame precoce e a introdução de outros alimentos antes dos seis meses são práticas comuns entre mães na África do Sul. A pressão familiar e retorno ao trabalho/escola, orientação inadequada podem ser uma barreira a amamentação.
Rossen, L. <i>et al.</i> (2017)	A idade da amostra foi de 18-49 anos; 59% eram australianas; 67% estudou até a faculdade; 49% trabalhavam em tempo integral 40% estavam na primeira gravidez.	Não é descrita. Elucida a presença de população australiana e indígenas.
Edwards, M. E. <i>et al.</i> (2018)	Grupo étnico diverso; A faixa etária foi de 26-40 anos; Escolaridade foi de graduação ao mestrado; As parteiras tinham entre 1 ano a mais de 15 anos de experiência.	Não é descrita. Mas apresenta a vivência do grupo em relação a amamentação e ao cuidado com o bebê.
Houghtaling, B. <i>et al.</i> (2018)	Afiliações tribais: <i>Sioux, Lakota Sioux, Assiniboine, Gros Ventre, Fort Peck, Chippew, Cheyenne Arapaho, Dakota e Cherokee</i> ; A faixa etária foi de 38 a 87 anos; 62% eram casadas; 70% tinham segurança financeira; 52% amamentaram até os 6 meses e 44% até um ano.	A taxa de amamentação é baixa na comunidade indígena americana. Avós indígenas americanos são importantes na transmissão de habilidades e apoio as gerações mais novas.
Little, E. E. <i>et al.</i> (2018)	A faixa etária foi de 20 a 44 anos; 35,36% tinham grau acadêmico; 55,11% trabalhavam em casa 71,13% estava praticando a alimentação responsiva; 57,58% não dormiam junto com o bebê; 81,94% amamentavam exclusivamente.	Elucidam que em culturas não ocidentais a alimentação responsiva está associada a práticas de cuidados próximas, o que geralmente não é observado nas mães americanas.

Tiruye, G. <i>et al.</i> (2018)	43,9% tinham entre 20-25 anos; 60% eram muçumanos; Etnia: <i>Oromo, Amhara, Harari</i> e outro; 95,9% eram casadas; 38,1% não tinham educação formal; 76,7% eram donas de casa.	Não é definida. Associada a região do estudo, uma vez que a amamentação não era eficaz nesta população.
Hunter, M. C. (2019)	A faixa etária foi de 25 a 39 anos; 72,2% eram casadas; 33,3% tinham um filho; 72,2% tinham o cônjuge como suporte primário; 66,7% trabalhavam em período integral; Etnia: afro-americanos (27,8%), caucasianos (66%) e hispânicos (5,6%).	Não é definida. Mas apresenta a vivência do grupo em relação vivência no alojamento conjunto, uma vez que a mãe e o bebê devem permanecer juntos durante a estadia.

Fonte: Autora.

DISCUSSÃO

O estudo do binômio mãe-bebê é importante para a compreensão do processo de construção dessa relação. Eventualmente, aspectos direcionados ao apego e a amamentação podem interferir de forma positiva ou negativa nesta relação, embora alguns desses fatores possam estar ligados ao ambiente e a cultura no qual a mãe esteja inserida.

Preferencialmente, o método utilizado nos estudos foi de caráter qualitativo. Neste sentido, o estudo qualitativo busca investigar e descrever um determinado fenômeno a partir da visão dos participantes, no qual o investigador assume o papel principal na obtenção e análise dos dados, além disso, esta abordagem permite o contato direto entre o investigador e a população de estudo⁸.

Os estudos selecionados optaram por utilizar as entrevistas como instrumento de investigação, sendo ou não associadas a outros instrumentos. As entrevistas são instrumentos que permitem evidenciar o significado que determinado fenômeno significa para a população estudada, e fazem parte do método qualitativo⁹.

A diversidade da população estuda pode ser explicada pelos inúmeros atores envolvidos na relação do binômio mãe-bebê. Sabe-se que a rede de apoio presente no contexto social assume um papel primordial no sucesso da amamentação e no fortalecimento do vínculo, não só após o nascimento do bebê mais durante a gestação, uma vez que a díade estará exposta às crenças, valores, hábitos e costumes da família. Como observou Prates *et al.*¹⁰, em seu estudo sobre a rede de apoio social em puérperas, descreveu que o meio familiar é a principal referência para o cuidado e a prática

da amamentação. Além disso, os profissionais de saúde têm um papel importante no apoio e promoção da amamentação, conseqüentemente as suas ações e orientações influenciam no sucesso da prática do aleitamento materno¹¹.

Por outro lado, a amamentação foi um tema recorrente nos estudos selecionados. Esta ênfase na amamentação decorre dos inúmeros benefícios biológicos, nutricionais, emocionais e econômicos, que o aleitamento materno proporciona. Neste sentido, os estudos buscam compreender por meio da vivência da população estudada as barreiras e facilitadores para a promoção da amamentação.

Similarmente, Victora et al.¹² realizou um estudo epidemiológico sobre a importância da amamentação em 127 países de baixa e média renda e 37 países de alta renda, por meio de revisão sistemática e metanálises. Neste estudo, os indicadores de amamentação foram correlacionados com a renda do país, permitindo observar que países que possuem alta renda apresentam baixa prevalência de amamentação (<20%). Em relação aos países de baixa e média renda, as taxas de início da amamentação precoce e prevalência da amamentação exclusiva foram baixas (63% até 6 meses; 37% entre 6-23 meses). Deste modo, observa-se a importância da adequação das estratégias de apoio ao aleitamento materno as realidades de cada país.

Com relação ao apego, dentre os estudos selecionados, apenas um estudo (Rossen et al., 2017) abordou o tema do apego utilizando como instrumento de coleta a escala “Maternal Escala de Fixação pré-natal” (MAAS) e a “Escala de apego materno pós-natal” (MAPAS). Neste estudo foi observado que a qualidade e intensidade do vínculo mãe-bebê aumentaria durante o pré-natal, podendo ser influenciado por fatores psicossociais e sociodemográficos, além disso, os resultados mostram a consistência do vínculo durante a gravidez até o pós-natal. Esse achado está de acordo com o estudo de Piccinini et al.³ que evidencia a busca dos pais por interagir e dar mais identidade ao bebê durante o período gestacional, além disso, durante esse período já é possível observar um vínculo forte com base nas expectativas e sentimentos sobre o bebê idealizado, os sentimentos criados permaneceram após o nascimento¹³.

A respeito da relação entre o apego e amamentação, os achados sugerem uma influência entre ambos, no qual a amamentação assumiria uma posição de promotora para o apego. Mas, cabe ressaltar que a investigação dessa relação não foram os objetivos dos estudos selecionados, ou seja, a quantidade de achados relacionados ao tema não é suficiente para uma conclusão definitiva.

No entanto, Britton, Britton e Gronwaldt¹⁴ estudaram a relação entre o aleitamento materno, apego e sensibilidade materna. Os resultados deste estudo, apontam que a amamentação não apresenta relação direta com o vínculo mãe-bebê, sendo a qualidade da interação mãe-bebê durante a infância, preditor do apego-seguro independentemente do tipo alimentação adotado. Embora, demonstrem associação entre a amamentação e sensibilidade materna, ou seja, as mães que optaram pela amamentação eram mais responsivas aos sinais dos bebês e, conseqüentemente, promovem o apego seguro. Logo, a amamentação apresenta uma relação indireta com o apego, sendo mediada pela sensibilidade materna.

No tocante ao tema apego e cultura a ausência de estudos pode ser explicada, em tese, pelos referenciais teóricos utilizados nesses estudos. Como apresenta Ribas e Moura¹⁵ em sua revisão de literatura sobre os estudos transculturais sobre responsividade materna e a teoria do apego. As discussões críticas sobre o tema, demonstram as divergências dos estudiosos sobre a importância dos estudos transculturais para a teoria do apego. Mas, os discursos demonstram a necessidade de se analisar criticamente a teoria do apego em diferentes contextos culturais, uma vez, que o comportamento cultura, por exemplo, no Japão não será igual ao comportamento nos Estados Unidos.

Assim, no que se refere a amamentação e cultura deve-se reconhecer que o significado atribuído ao aleitamento materno está diretamente relacionado aos comportamentos aprendidos e compartilhados dentro do seu contexto cultural, além disso, podem ser herdadas inúmeros mitos, crenças e hábitos. Neste sentido, Cremonese et al.¹⁶ afirma que o processo de amamentação está ligado aos significados culturais atribuídos a ela é não a fatores biológicos em si. Essas influências podem estar ligadas ao meio social (família, amigos, profissionais de saúde) ou a características herdadas (crenças, costumes etc.) e/ou vivenciadas (prática, experiência etc.). Desta forma, a

compreensão e valorização desses elementos permite entender o comportamento da mãe frente aos desafios de amamentar, devendo ser incorporadas às práticas profissionais de promoção ao aleitamento materno.

CONCLUSÃO

Esta revisão de literatura, em base de dados científicos, buscou dar subsídios para a compreensão de como ocorre as ligações entre amamentação, apego e cultura. Os resultados descritos permitem inferir a existência de uma influência entre esses fatores, uma vez que o mundo empírico do bebê e da mãe não podem ser separados, apesar de serem abordados separadamente nos estudos.

Nota-se que não foram encontrados estudos nacionais relacionados ao tema de pesquisa. É claro que, a produção científica nacional sobre a temática da amamentação e do apego é ampla, mas cabe aqui a reflexão de como esses estudos têm abordado essas temáticas e, a ênfase em aspectos culturais, uma vez que, as regiões do Brasil apresentam suas próprias culturas.

Com isso, percebe-se a escassez de estudo sobre o tema, surgindo a necessidade de mais estudos sobre essas associações, visto que, esses resultados podem ser utilizados para elaboração de intervenções mais eficazes e na elaboração de políticas públicas de promoção e proteção ao aleitamento materno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Schmidt EB, Argimon ILL. Vinculação da gestante e apego materno fetal. *Paidéia (Ribeirão Preto)* 2009; 19(43):211-220.
2. Hitos SF, Periotto MC. Amamentação – Atuação fonoaudiológica – Uma abordagem prática e atual. 01. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2009.
3. Piccinini CA, Gomes AG, Moreira LE, Lopes RS. Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. *Psic: Teor. e Pesq* 2004;20(3):223-232.
4. Nelas PA, Ferreira M, Duarte JC. Motivação para a Amamentação: construção de um instrumento de medida. *Revista Referência* 2008;2(6):39-56.
5. Bowlby J. Formação e rompimento dos laços afetivos. Tradução Álvaro Cabral. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
6. Boehs AE, Monticelli M, Wosny AM, Heidemann IBS, Grisotti M. A interface necessária entre enfermagem, educação em saúde e o conceito de cultura. *Texto & Contexto – enferm* 2007; 16(2):307-314.
7. Langdon EJ, Wiik FB. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. *Rev. Latino-Am de Enferm* 2010; 18(3):459-466.
8. Godoy AS. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Rev. adm. Empres* 1995; 35(2):57-63.
9. Fontanella BJB, Campos CJG, Turato ER. Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [online]. 2006 Set-Out [acessado 2020 Set 17]; 14(5): [cerca de 10 p.]. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n5/pt_v14n5a25.pdf.
10. Prates LA, Schmalfluss JM, Lipinski JM. Rede de apoio social de puérperas na prática da amamentação. *Esc. Anna Nery* 2015; 19(2):310-315.
11. Almeida JM, Luz ASB, Ued FV. Apoio ao aleitamento materno pelos profissionais de saúde: revisão integrativa da literatura. *Rev. Paul. Pediatr* 2015; 33(2):355-362.

12. Victora CG, Barros AJ, França GV, Bahl R, Rollins NC, Horton S, Krasevec J, Mursh S, Sankar MJ, Walker N. Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos e efeitos ao longo da vida. *Epidemiol. Serv Saúde* 2016; 25(1):1-24.

13. Borsa JC, Dias ACG. ORSA, J. C.; DIAS, A. C. G. Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério. *Revista Contemporânea Psicanálise e Transdisciplinaridade* [online]. 2007 Abr-Jun [acessado 2020 Out 20]; (2): [cerca de 12 p.]. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo89.pdf>.

14. Britton JR, Britton HL, Gronwaldt V. Breastfeeding, sensitivity, and attachment. *Pediatrics*. Novembro 2006; 118(5): 1436-43. PubMed PMID: 17079544.

15. Ribas AFP, Moura, MLS. Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 2004; 17(3): 315-322.

16. Cremonese L, Wilhelm L, Prates L, Possati A, Scarton J, Ressel L. A decisão de amamentar durante a adolescência: um estudo na perspectiva cultural. *Revista de Enfermagem da UFSM* 2016; 6(3):317-326.